

A BUSCA PELO PRAZER: O QUE A CRIANÇA PROCURA NA LITERATURA SOB O OLHAR DA PSICANÁLISE

Laiana Rosendo Oliveira

Universidade Federal da Paraíba

laianarosendo@gmail.com

Introdução

A literatura infantil possui uma história que acompanha as evoluções conceituais sobre a infância, apresentando em sua formatação, mudanças que aproximaram cada vez mais as crianças do universo literário. No Brasil, a literatura infantil começa a ocupar espaço no mercado, na crítica e no imaginário das crianças a partir do século XVIII, sendo a partir desse século, percebida a necessidade de uma atenção diferenciada a essa área da literatura. Inicialmente “Numa sociedade que cresce por meio da industrialização e se moderniza em decorrência dos novos recursos tecnológicos disponíveis, a literatura infantil assume, desde o começo, a condição de mercadoria.” (LAJOLO e ZILBERMAN, 1988, Pág. 18).

A condição puramente mercadológica e sua ascensão a partir da instituição educacional, que apesar de ser considerada a porta de entrada para o conhecimento e acesso à leitura, também vinha como entremeio na manutenção “de um estereótipo familiar” (LAJOLO e ZILBERMAN, 1988, Pág. 17), torna-se, em alguns momentos, um empecilho à vivência libertadora que a literatura poderia ofertar na vida dos leitores. Afinal, “A aquisição de habilidades, inclusive a de ler, fica destruída de valor quando o que se aprendeu a ler não acrescenta nada em nossa vida.” (BETTELHEIM, 2009, Pág. 11)

O presente artigo visa discorrer, a partir da história da literatura infantil brasileira, uma análise psicanalítica sobre a relação de prazer existente na leitura. Para isso, apesar da introdução histórica, serão utilizados como fundamentos para os estudos, o ponto de vista literário mais atualizado, que hoje ocupa o espaço escolar sem a mesma responsabilidade do século passado, que era “solidificação política e ideológica da burguesia.” (LAJOLO e ZILBERMAN, 1988, Pág. 17) mas agora pode ser definida a partir de “sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor; leva-lo a desenvolver sua própria expressividade verbal ou sua criatividade latente (...)” (COELHO, 2011, Pág. 151)

De meados do século XVIII ao século XX, serão analisados os elementos de prazer que envolvem o triângulo literário: a obra, o escritor e o leitor, construindo através do diálogo entre a psicanálise e a literatura os elementos que antecedem e protagonizam todo o processo de identificação da criança com a história infantil. Considerando que, “Ler é procurar um sentido, um gozo suplementar, um dizer de outra maneira.” (WILLEMART, 2014, Pág. 28) serão apresentados os aspectos que levam ao gozo da leitura, ressaltando a história, o sujeito- criança, o escritor-adulto, o princípio do prazer e a teoria literária. Tal discussão bibliográfica, pretende disponibilizar um suporte em um futuro artigo com análise de docentes e discentes e suas respectivas habilidades e opiniões quanto à percepção e recepção da literatura em sala de aula, utilizando como objeto de análise entrevistas e vivências em sala de aulas.

Metodologia

A pesquisa bibliográfica partiu da trajetória histórica da literatura, desenhada por (LAJOLO e ZILBERMAN, 1988), estabeleceu uma discussão com os psicanalistas que definem o conceito do prazer e também apresentam o olhar da psicanálise em relação aos elementos da literatura no intuito de construir um cenário propenso a responder o grande questionamento da pesquisa: Quais são os caminhos para o prazer na literatura infantil? Para isso, comparamos a entrada da literatura infantil brasileira e suas respectivas funções assumidas diante a sociedade, “A princípio, a literatura surgiu com fins moralizadores, pois a criança era vista como um ‘projeto de adulto’, ou seja, ela deveria ser educada conforme os objetivos traçados pelos adultos, sem se preocupar com as preocupações e anseios próprios da infância.” (COSTA, 2009, Pág. 113)

Monteiro Lobato anuncia esse período literário, sendo percussor dessa literatura, puramente escolarizada e característica de uma classe social dominadora, sendo (LAJOLO e ZILBERMAN, 1988, Pág. 76):

Para esse grupo, a educação é um meio de ascensão social, e a literatura, um instrumento de difusão de seus valores, tais como a importância da alfabetização, da leitura e do conhecimento (configurando o pedagogismo que marca o gênero) e a ênfase no individualismo, no comportamento moralmente aceitável e no esforço pessoal.

Segundo (COSTA, 2009, Pág. 30): “Na verdade, ela (a literatura) pode falar sobre qualquer tema, todos os abordados pelos paradidáticos, por exemplo, só que sempre e sempre vistos pelo ângulo da subjetividade e da poesia.” Lobato abre as portas para o surgimento de vários autores do público adulto que começam a investir nas produções para as crianças, e é isso que mobiliza mudança nas produções para esse público. Sendo apenas dessa forma, apresentada a possibilidade

de análise ampla da literatura infantil e valorizado os olhares múltiplos assumidos pela literatura e com objetos bem definidos para estudo: “Ela precisa ser definida em termos de seus dois elementos: crianças e literatura. A crítica deve ser confeccionada sob a medida de suas características especiais. A literatura infantil é diferente, mas não menor do que as outras.” (HUNT, 2010, Pág. 37)

Considerando as características específicas moldadas pela compreensão da infância e suas necessidades e interesses diante à literatura, analisemos os livros infantis sob o ponto de vista atual, onde a literatura perpassa os muros da escola e falam “de assuntos sobre os quais não faz sentido dar aula: a paixão, a morte, amizade, o desconhecido, o imensurável, a busca da felicidade, a astúcia, os sonhos, as emoções humanas, a dupla existência da verdade, a relatividade das coisas etc. “(LIMA, 2006, Pág. 31 apud COSTA, 2009, Pág. 30) Como um autor consegue alcançar na subjetividade o imaginário do leitor?

Trataremos a seguir das etapas da construção do texto, segundo a psicanálise, levando em consideração que, “Como em qualquer atividade, o homem e o escritor procuram satisfazer um prazer que pode se tornar um gozo, isto é, um excesso de prazer.” (WILLEMART, 2014, Pág. 4) e para acontecer tal encontro, o escritor passa pelo que (WILLEMART, 2014) considera como movimentos de interação com o “texto móvel”, “texto instável que se faz e desfaz” (WILLEMART, 2014, Pág. 4) até mesmo depois de finalizado e diante o leitor. Contando que os eventos mentais que provém a criação literária e também todos os cursos da vida são automaticamente regulados pelo princípio do prazer, “acreditamos que o curso desses eventos é invariavelmente colocado em movimento por uma tensão desagradável e que toma uma direção tal, que seu resultado final coincide com uma redução dessa tensão, isto é, com uma evitação de desprazer ou uma produção de prazer.” (FREUD, 1976, Pág. 17). Em consonância com (FREUD, 1976), (FROMM, 1974, Pág. 154) cita a explicação de Spencer que afirma: “Ele alvitra que o prazer e a dor tem a função biológica de estimular o homem a agir de acordo com o que é benéfico para si individualmente, assim como para raça humana.”

Sendo assim, a busca pelo prazer acompanha o escritor em todas as etapas de produção, que se apresenta cursando cinco movimentos principais em sua interação com o texto móvel, na roda da escritura, de acordo com (WILLEMART, 2014): O processo de construção permeia, entre a pulsão de olhar “Estimulado pela pulsão de olhar, o escritor observa e sente”; pulsão de escrever, “(...) o escritor descobrirá entre as linhas, a palavra certa, a novidade escondida, e a transcreve.” (Pág. 8); para assim, seguir “ajustando seus desejos às dimensões do outro, isto é, ao Simbólico, (...)” (Pág. 5); e surgir, dessa maneira, o “desejo de ajustar o pensamento ou a frase e de dizer mais (...)” (Pág.

6) para, por fim, perpassar “a instância do autor (...) e se torna assim porta-voz da comunidade na qual vive e de tudo o que ele representa e é. Ele decide e vai em frente.”

A roda da escritura inicia o processo prazeroso da literatura, a busca pela subjetividade e individualidade que o escritor desenvolve quando escreve, narra trajetórias do seu imaginário e também de sua infância. Como exposto por (FREUD, 1976, Pág. 151 apud RAMOS, 2006, Pág. 61):

Será que deveríamos procurar já na infância os primeiros traços de atividade imaginativa? A ocupação favorita e mais intensa da criança é o brinquedo ou os jogos. Acaso não poderíamos dizer que ao brincar toda criança se comporta como um escritor criativo, pois cria um mundo próprio, ou melhor, reajusta os elementos de seu mundo de uma nova forma que lhe agrada? Seria errado supor que a criança não leva esse mundo a sério; ao contrário, leva muito a sério a sua brincadeira e dispende na mesma muita emoção. A antítese de brincar não é o que é sério, mas o que é real. Apesar de toda a emoção com que a criança catexiza seu mundo de brinquedos, ela o distingue perfeitamente da realidade, e gosta de ligar seus objetos e situações imaginadas às coisas visíveis e tangíveis do mundo real. Essa conexão é tudo o que diferencia o “brincar” infantil do “fantasiar”.

O escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca. Cria um mundo novo de fantasia que ele leva muito a sério, isto é, no qual investe uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre o mesmo e a realidade. A linguagem preservou essa relação entre o brincar e a criação poética.

Claro que, “Escritor, leitor, tradutor, é inconfundivelmente o mesmo.” Todo escritor é primeiramente leitor.” (WILLEMART, 2014, Pág. 17), dessa forma pode-se enxergar processos similares de produção de escrita e leitura, sendo, conseqüentemente similares a roda de cada habilidade exercida (leitura ou escrita). “Para Freud, o sintoma adquire a função de significante. Isto é, a literatura, se tornando significante, adquire o sentido que o leitor lhe dá e não necessariamente o que o autor deu.” (WILLEMART, 2014, Pág. 18), a partir da escolha do livro, identificação com os elementos do texto, construção de redes de significantes, o silêncio do imaginário e, por fim, a busca incessante pelo prazer ou o total desprazer com a obra, pode-se fazer o que (MEEK, 1987 apud HUNT, 2010, Pág. 111) descreve “uma criança-leitora como ‘apoderando-se’ de um texto.”, uma relação bem próxima ao brincar (FREUD, 1976, Pág. 151 apud RAMOS, 2006, Pág. 63): “O brincar da criança é determinado por desejos: de fato, por um único desejo – que auxilia o seu desenvolvimento -, desejo de ser grande e adulto. A criança está sempre brincando “de adulto”, imitando em seus jogos aquilo que conhece da vida dos mais velhos.”

A literatura e o ato de brincar disponibilizam à criança a possibilidade de poder, de aproximação com o mundo que elas desejam, “Brincar é uma necessidade fundamental da criança, e a atividade preferida entre todas, aquela que permite criar um universo próprio, rearrumando os elementos do mundo de uma maneira nova, que cause prazer.” (MACHADO, 2004 apud RAMOS,

2006, Pág. 42), a capacidade de criar e recriar, que como já apresentado não é função exclusiva do escritor, aproxima o leitor do poder de decidir e proporcionar, reconhecimento e satisfação:

As personagens nos contos de fadas não são ambivalentes – não são ao mesmo tempo boas e más, como somos todos na realidade. Mas, uma vez que a polarização domina a mente da criança, ela também domina os contos de fadas. Uma pessoa é boa ou má, sem meio-termo. Um irmão é tolo, o outro esperto. Uma irmã é virtuosa e trabalhadora, as outras vis e preguiçosas. Uma é bela, as outras feias. Um genitor é só bondade, o outro, maldade. A justaposição de personagens opostas não tem o propósito de frisar o comportamento correto, como seria o caso em contos admonitórios. (Há alguns contos de fadas amorais em que a bondade ou a maldade, a beleza ou a feiúra não desempenham nenhum papel.) (BETTELHEIM, 2009, Pág. 17)

O processo de identificação do autor com os elementos do texto infantil é ampliado além do texto escrito, cada elemento é imprescindível para causar identificação e aceitação à literatura, afinal, “Ler envolve um processo de compreensão abrangente das mais diferentes linguagens, cuja dinâmica reúne componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como econômicos, sociais e políticos.” (FNLIJ, 2008, Pág. 38) e nesse acesso, ao universo que lhe rodeia, através da leitura, identifica-se uma relação de maior intimidade da criança com suas satisfações, frustrações e objetos de prazer e desprazer, “Essa análise indica que a felicidade e a alegria, embora em certo sentido sejam experiências *subjetivas*, são a resultante de interações e de dependentes de *condições objetivas*, não devendo ser confundidas com a experiência a experiência subjetiva do prazer. (...) Para ele, prazer é o prazer do momento que passa.” (FROMM, 1974, Pág. 151)

A descrição dos momentos de prazer entre o leitor e o livro não são idealizados a partir de objetos ou situações específicas, mas da subjetividade que a leitura proporciona à criança, despertando em cada leitor experiências, momentos diferentes.

Segundo o professor Ivo Lucchesi, o processo constitutivo da subjetividade do ser contemporâneo encontra seus fundamentos básicos na capacidade ou não de o indivíduo construir elos de percepção do mundo, em função do que o “olhar” conseguir captar. (FNLIJ, 2008, Pág. 42)

Ainda mais amplo do que o olhar sob o mundo está o poder de decidir que mundo ele deseja para si: “O conto de fadas, em comparação, deixa todas as decisões por nossa conta, inclusive a de querermos ou não tomá-las. Cabe-nos decidir se desejamos aplicar algo de um conto de fadas à nossa vida ou simplesmente apreciar as situações fantásticas a que se refere.” (BETTELHEIM, 2009, Pág. 62)

Resultados e discussões

Como ponto de partida da pesquisa foram propostas as reflexões sobre o surgimento da literatura infantil brasileira, sendo “Os laços entre a literatura e a escola começam deste ponto: a habilitação da criança para o consumo de obras impressas.” (LAJOLO e ZILBERMAN, 1988, Pág. 18), o que revela a superficialidade adotada na apresentação da literatura às crianças, em seu surgimento, desconsiderando a capacidade imaginativa, criativa que a literatura propõe na vida da criança, como também, criando um público específico para a literatura: a burguesia da época. A aquisição da leitura na época era característica de uma sociedade privilegiada e sendo apresentada com esse intuito, de alfabetizar, restringia sua abrangência e privava a sociedade infantil do maior objetivo literário (COSTA, 2007, Pág. 23):

A literatura infantil, considerada enquanto diálogo entre dois seres igualmente ativos, o autor e o leitor, estabelece no primeiro momento um contato geralmente silencioso e em solidão. É o momento de encontro do leitor com o livro, em que ele decifra, compreende e interpreta as palavras do autor.

A evolução da literatura infantil é atrelada a maior respeito e preocupação com seus enredos, imagens, títulos e todos os adereços que caracterizavam o livro infantil. Essas mudanças trazem uma grande parte dos escritores para uma aventura nos caminhos da literatura infanto-juvenil e com preocupações específicas para esse público-leitor. Dessa forma, as histórias partem de um texto baseado nas “nas lições de geografia, agricultura, história, higiene, como era a intenção dos autores (...)” (LAJOLO e ZILBERMAN, 1988, Pág. 35) e com objetivos específicos aos conteúdos escolares: “O nosso livro de leitura oferece bastantes motivos, ensejos, oportunidades, conveniências e assuntos, para que o professor possa dar todas as lições, sugerir todas as noções e desenvolver todos os exercícios escolares para boa instrução intelectual de seus alunos.” para assumir papel de prazer no imaginário da criança.

Tal mudança tem início em meados do século XIX no Brasil, porém se prolonga ainda nos dias atuais, visto uma cultura da literatura a serviço da escola desde seu surgimento, procura-se as maneiras mais adequadas, de, adequar a importância da literatura no espaço escolar à prática da leitura, como mero estímulo prazeroso, principal objetivo da arte.

Hoje, as funções da Literatura Infantil no Brasil estendem-se além da educação formal. Informar e educar passam a ser pano de fundo do interesse de autores e obras. Passam a primeiro plano o conhecimento do próprio indivíduo-leitor e de sua atuação enquanto lê, o entretenimento, o experimentalismo na linguagem narrativa, o lúdico e a aventura do conhecimento humano. (COSTA, 2009, Pág. 127)

A relação de prazer com a literatura tem início da na roda da escritura, segundo (WILLEMART, 2014, Pág. 5), quando cita Henry Bauchau: “O ritmo apaixonado no qual estou

arrastado durante um ano, me ensina a reconhecer, sob as palavras de meus personagens, meu som de voz, meus ritmos, as pulsões de minha língua e de meu corpo.”, confirmamos que a escrita da obra idealiza um sentimento íntimo do escritor com os elementos colocados no texto, segundo (FREUD, 1976 apud RAMOS, 2006, Pág. 64): “o escritor suaviza o caráter de seus devaneios egoístas por meio de alterações e disfarces, e nos suborna com o prazer puramente formal, isto é, estético, que nos oferece na apresentação de suas fantasias.” Tais elementos, para o público infantil, são apresentados com maior variedade de recursos, que devem ser apresentados em equilíbrio, as imagens e textos precisam estar em sincronia, visto que, “A experiência da leitura vai além do texto e começa antes mesmo do contato com ele, processando-se como um diálogo entre o leitor e o que é lido, seja escrito ou sonoro, seja um gesto ou uma imagem.” (FNLIJ, 2008, Pág. 38)

Não existem limites nas sensações provocadas pela leitura quando são feitas boas escolhas quanto aos recursos textuais utilizados (FNLIJ, 2008, Pág. 41):

Durante muito tempo vigorou a ideia de que a ilustração cumpria o papel de embelezadora do texto, puramente passiva, sem nenhum papel na leitura do livro. A combinação entre texto e imagem num livro é vital, pois tende-se cada vez mais a apreciar o livro enquanto um conjunto global, possibilitando ao leitor uma leitura dupla, que é fonte de reflexões e questionamentos.

Explorar o livro infantil é dedicar atenção ao texto, composto por escrita e imagens, o primeiro momento do leitor com o livro é de demonstração de poder, capacidade de escolher, a criança sente-se atraída, a princípio, pela apresentação da história, a capa do livro. Possibilitar a escolha do livro que a criança deseja ler é exercitar seu poder de escolha: “Para Aristóteles, há duas espécies legítimas de prazer, os que se associam ao *processo* de satisfazer as necessidades e concretizar nossos poderes e os associados ao *exercício* de nossos poderes quando adquiridos.” (FROMM, 1974, Pág. 153)

A escolha de um livro de literatura que leve o aluno à curiosidade de ler a história é essencial para a possível identificação e encontro do prazer. O educador que dedica um tempo a escolher as obras apresentadas em sala, oferece melhores oportunidades de leitura para seu aluno, o processor de poder em escolher do aluno deve partir de uma “pré-escolha” do educador. Nesse momento é importante e necessário, identificar o equilíbrio nas informações fornecidas, como também, se desvincular dos apelos morais e conteúdos padrões no currículo educacional: “(...) em muitos casos, os alunos são bombardeados com recursos visuais que apenas reforçam sua experiência passiva de consumidores de televisão.” ou, então: “Muitas vezes, dá é nisso: adoção de autores medíocres, menores, desimportantes, muitas vezes contando histórias pra lá de desinteressantes, chatas,

monótonas, antigas, tantas vezes falando duma criança que não existe mais, de problemas que não as tocam ou sensibilizam...” (ABRAMOVICH, 1998, Pág. 141)

Dessa forma, os leitores tornam-se impossibilitados a seguir devidamente a segunda etapa da roda de leitura, que possibilita à criança não apenas desejar mas se fazer personagem, situações (WILLEMART, 2014, Pág. 22):

O que o sujeito procura ver [...] é o objeto enquanto ausência, (no entanto), o que ele procura e acha é apenas uma sombra detrás da cortina. Aí, ele vai fantasiar não importa que magia de presença [...] O que ele procura não é, como se diz, o falo – mas justamente sua ausência, donde a preeminência de certas formas como objetos de sua pesquisa.

A afinidade com histórias trágicas, de dor, de amor, desenganos e tristezas causam identificação no imaginário infantil, respondendo perguntas de seu inconsciente e fortalecendo-os para vida: “Histórias ‘verdadeiras’ sobre o mundo ‘real’ podem fornecer alguma informação interessante e frequentemente útil.” (BETTELHEIM, 2009, Pág. 79), na ética de Spencer, segundo (FROMM, 1974, Pág. 154) “(...) o prazer e a dor têm a função biológica de estimular o homem a agir de acordo com o que é benéfico para si individualmente, assim como para a raça humana; são, portanto, fatores indispensáveis ao processo evolutivo.”

As histórias infantis e sua variedade de temas, constitui um elemento de prazer para a criança a partir do momento que idealiza em suas histórias, personagens seus desejos conscientes e inconscientes, atuando de maneira direta nas sensações mais obscuras que permeiam sua mente e também percorrendo o princípio do prazer e paralelamente o da realidade, “O princípio de prazer decorre do princípio da constância; na realidade, esse último princípio foi inferido dos fatos que nos forçaram a adotar o princípio do prazer.” (FREUD, 1976, Pág. 19). A quebra do “final feliz” ou do “felizes para sempre” também é necessário do imaginário infantil, isso acontece desde os primeiros meses de vida na transição das fases de sexualidade infantil, a criança começa a mudar seu foco de prazer e compreender através da perda de instabilidade, que precisa mudar seu foco para alcançar segurança novamente: “O primeiro exemplo do princípio do prazer a ser assim inibido é familiar e ocorre com regularidade.” (FREUD, 1979, Pág. 20)

Vejam, “Na atualidade, em que a violência e a morte são, muitas vezes, tratadas de forma banal pelas mídias, os livros literários tornam-se uma alternativa para a humanização da vida e também da morte do homem.” (ASSIS, CECCANTINI e AGUIAR, 2010, Pág. 99), ter medo de tratar sobre temas pouco discutidos com a família e no espaço escolar distancia a opção dos adultos por livros que tratem do real, mesmo através da fantasia, deixando a criança com acesso restrito a

vivências literárias de qualidade. O ser humano não é essencialmente bom ou essencialmente mal, segundo “A teoria de Freud é dualista. Ele não vê o homem seja como essencialmente mau, mas como acionado por duas forças contraditórias igualmente potentes.” (FROMM, 1974, Pág. 182.) A presença dessas faces na literatura, desenvolvem a inteligência emocional do leitor e uma reflexão sobre as possibilidades de como pode agir, como também, as reações diante suas atitudes.

O lobo, ao contrário, é obviamente um animal ruim, pois deseja destruir. A ruindade do lobo é algo que a criança pequena reconhece dentro de si: seu desejo de devorar e sua consequência – a angústia quanto à possibilidade de sofrer ela própria um tal destino. Assim, o lobo é uma exteriorização, uma projeção da maldade da criança – e a história mostra como se pode lidar com isso construtivamente. (BETTELHEIM, 2009, Pág. 64)

A escolha dos livros utilizados precisam contar com a profunda análise dos educadores, a escolha de histórias superficiais que tratam de como agir de acordo como a sociedade impõe mas que não trazem uma reflexão de como agir com si mesmo distanciam a criança da sensação de prazer. “A significação atribuída de modo simbólico aos contos e às narrativas permite ao leitor ter exemplos de comportamento para resistir às dificuldades.” (COSTA, 2007, Pág. 43). A criança que ler e faz associações das vivências do texto com si mesmo e com o mundo, alcança o gozo literário e repete a dose de leitura, para que isso aconteça (COSTA, 2007, Pág. 52), dedica orientações aos educadores que selecionam as obras oferecidas às crianças:

- Conhecimento a respeito dos interesses dos alunos (sem que eles venham a torna-se os únicos critérios de seleção);
- Conhecimento da produção literária clássica e canônica para crianças;
- Conhecimento de lançamentos recentes por intermédio de visita a livrarias, leitura de catálogos impressos ou eletrônicos, sites na internet;
- Atendimento à filosofia e aos princípios da educação contemporânea (ênfase no aprender a aprender e no aprender a ser);
- Atendimento às qualidades estéticas da literatura, sem preconceitos nem moralismo;
- Preferência por textos inovadores e emancipatórios.

O adulto pode disponibilizar à criança o poder do imaginário, quando a ele não lhe é negado tal poder. “Ler é relacionar cada texto lido aos demais anteriores (textos-vida + textos-lidos) para reconhece-los, significa-los e assimilá-los, processo que dota o leitor da capacidade de admiração (olhar que apreende e aprende) e o torna um leitor- sujeito de sua própria história.” (GÓES, 2003, Pág. 17) As vivências do livro e do mundo é o que faz o leitor retornar ao desejo do prazer ou desistir daquela leitura e seguir em frente na busca de efetivar esse processo com outra história.

Tal contato da criança com a leitura pode ser associada com a experiência do brincar na infância, “É claro que em suas brincadeiras as crianças repetem tudo o que lhes causou uma grande impressão na vida real, e assim procedendo, ab-reagem a intensidade da impressão, tornando-se, por assim dizer, senhoras da situação.” (FREUD, 1979, Pág. 28) No contato com a literatura isso também é visto e como no ato de brincar “a repetição trazia consigo uma produção de prazer (...)” (FREUD, 1979, Pág. 28) No último movimento, então, acontece o que desde o terceiro movimento surgiu, e que caso não tenha sido impactado negativamente, “o sintoma¹ [...] como contrassenso, desvio, impedimento, entrave, conforme o discurso social, as exigências sociais em que ele vive.”, ocorre uma aproximação do leitor com livro, tornando-se uma fonte de prazer acessível e marcante na vida da criança.

Conclusões

A literatura infantil ainda envereda por novas possibilidades continuamente, são várias descobertas que ampliam as possibilidades às crianças, preparando cada uma para vencer seus desafios e ultrapassar as fases do seu desenvolvimento com maior firmeza e maturidade. Para que isso aconteça é imprescindível uma intervenção maior por parte dos adultos que auxiliam no processo de apresentação da literatura às crianças, conscientizando-se, primeiramente, a literatura não é restrita a temáticas escolares e que a literatura não é mais proveniente do currículo, trata-se, sim, de uma ferramenta necessária para ampliar a leitura do aluno, possibilitando à criança um universo de decodificação, mas especialmente, de letramento, cobrando à ela, também, a reflexão, associação, entre vários outros sentimentos que o aproximam da vida real e de tudo que ela pode nos oferecer. Segundo (BACHELARD, 2001, Pág. 94 apud RAMOS, 2006, Pág. 53): “Quando sonhava em sua solidão, a criança conhecia uma existência sem limites. Seu devaneio não era simplesmente um devaneio de fuga. Era um devaneio de alçar vôo.”

Não existem limites aos temas tratados na literatura, as crianças possuem condições para ler e através do seu imaginário construir recursos para seu crescimento, “(...) a violência liga-se às constelações de imagens próprias do regime noturno do imaginário (DURAND, 1989), a qual impõe um duplo movimento de destruição e construção.” (MARTHA, CECCANTINI e AGUIAR, 2010, Pág. 109) o que acontece em muitas situações são adultos que temem tratar sobre tais

1 “Para Freud, o sintoma adquire a função de significante. Isto é, a literatura, se tornando significante, adquire o sentido que o leitor lhe dá e não necessariamente o que o autor lhe deu. (WILLEMART, 2014, Pág. 18)

assuntos com as crianças por não se sentirem seguros sobre as melhores abordagens, sem levar em consideração que a literatura por si só pode trazer as respostas para os questionamentos das crianças, muitas vezes sem ser necessário a aula explicativa sobre o assunto, afinal, a literatura explora temas subjetivos, que possibilitam compreensões diferenciadas de leitor para leitor.

Ter conhecimento sobre a roda da escritura e leitura, possibilita ao “adulto-orientador” um olhar mais aguçado sobre as etapas de apresentação da leitura, disponibilizando ao educador, a possibilidade de seguir tais etapas, respeitando cada uma e disponibilizando ao leitor o espaço necessário para usufruir do prazer de ler, levando em consideração que o encontro do leitor e livro, regrado ao prazer é nada mais, nada menos do que o respeito à tais etapas sem exigências, dificuldades ou abordagens moralistas, afinal, como “Dickens percebia que as imagens dos contos de fadas, melhor do que qualquer outra coisa, auxiliam as crianças em suas mais difícil e no entanto mais importante e satisfatória tarefa: obter uma consciência mais madura para civilizar as pressões caóticas de seu inconsciente.” (BETTELHEIM, 2009, Pág. 33)

Verifica-se que o princípio do prazer e realidade se relacionam entre si e na literatura, podemos verificar que estão presentes em suas etapas de escrita e leitura, movendo o escritor e leitor a uma relação dual, própria do ser humano, segundo (FREUD, 1969). E para que o leitor seja afetado e sinta-se parte desse processo, com poder desde a escolha do título que deseja usufruir, é necessário seu livre acesso à arte contendo riqueza em seus títulos e histórias, para assim “(...) aprender mais sobre os problemas íntimos dos seres humanos e sobre as soluções corretas para suas dificuldades em qualquer sociedade (...)” (BETTELHEIM, 2009, Pág. 11)

Referências bibliográficas

- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil, gostosuras e bobices. 5ª edição. São Paulo: Scipione, 1995.
- COSTA, Marta Morais da. Literatura infantil. 2ª edição. Curitiba: IESDE, 2009.
- COSTA, Marta Morais da. Metodologia do ensino da literatura infantil. 1ª edição. Curitiba: Ibpex, 2007
- FREUD, Sigmund. Obras Completas de Sigmund Freud. Volume XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- FROMM, Erich. Análise do homem. 9ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL. Nos Caminhos da literatura. São Paulo: Peirópolis, 2008.

HUNT, Peter. Crítica, teoria e literatura infantil. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da literatura para a leitura do mundo. 6ª edição. São Paulo: Ática, 2006.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. Literatura Infantil Brasileira. *História e Histórias*. 4ª edição. São Paulo: Ática, 1988.

MARTHA, Alice Áurea Penteado. CECCANTINI, João Luís. AGUIAR, Vera Teixeira. (Org.). Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil. Assis: ANEP, 2010.

RAMOS, Anna Claudia. Nos bastidores do imaginário: Criação e literatura infantil e juvenil. 1ª edição. São Paulo: DCL, 2006.

WILLEMART, Philippe. Psicanálise e teoria literária. O tempo lógico e as rodas da escritura e da literatura. 1ª edição. São Paulo: Perspectiva; Fapesp; Capes, 2014.